

Nos debates, desde tomate até sugestão para deixar o cargo

A retórica e a lógica do ministro-chefe da Seplan, Delfim Netto, enfrentaram, ontem, no plenário da Câmara, além do bombardeio dos parlamentares, um caminhão de tomate, ainda que em miniautra, usado pelo deputado Eduardo Suplicy para exemplificar o fenômeno da accidentalidade e seus efeitos na economia. Mas não foi somente isso. O ministro foi taxado de "irresponsável e incompetente por seu colega de partido deputado Hebert Levy e ouviu dos líderes Hélio Duque (PMDB), Bocaiúva Cunha (PDT) e Aírton Soares (PT) o pedido para que abandonasse o cargo.

Na verdade, foi uma tarde cansativa para o ministro. Houve momentos em que Delfim Netto, com ironia e habilidade, fazia o tempo passar, lembrando a imagem de um boxeador experiente que espera colado às cordas o desespero de seus adversários. Os ataques, ainda tímidos, foram efetuados pelos deputados Alberto Goldman (PMDB-SP) e Brandão Monteiro (PDT-RJ).

Segundo Goldman, o pronunciamento do ministro-chefe da Seplan tratava de contar a própria história da dependência brasileira e da desnacionalização que feriu a soberania nacional. "O documento de V. Exa é um elogio ao endividamento", desabafou o parlamentar, enfatizando que a expectativa de Delfim Netto é em relação à economia americana". A bancada oposicionista e as galerias lotadas aplaudiram o parlamentar peemedebista.

Tentando impedir a manifestação das galerias, o presidente da Mesa, Flávio Márcilio, cometeu um equívoco ao apertar a campainha e exigir que "as tribunas não se manifestassem". Goldman não entendeu, mas as galerias perceberam o erro de Márcilio e as gargalhadas ecoaram.

Márcilio também riu e Goldman continuou sua ofensiva, afirmando que empurrar com a barriga a difícil situação em que o país se encontra é privilégio para alguns e não para o povo brasileiro. Uma das soluções apresentadas pelo parlamentar foi a moratória unilateral, argumentando que o Brasil já se encontra em situação de moratória só que não condicionada e determinada de fora.

Delfim respondeu com a melhor defesa: o ataque. Disse que a análise de Goldman tem "bastante ênfase e, infelizmente, mais ênfase que lógica". Para ele, a proposta de moratória é um sonho. Aliás, a denominação de sonho foi usada pelo ministro diversas vezes para rebater proposições oposicionistas.

Em seguida, o ministro explicou não há desemprego somente no Brasil e que em toda Europa existem 30 milhões de desempregados "e sabe Deus quanto há no mundo socialista". Lembrou que o México, a Argentina e a Venezuela recorreram ao FMI mesmo tendo petróleo. "No Brasil sem petróleo a moratória é impossível", ressaltou Delfim.

Brandão Monteiro (PDT-RJ) indagou ao ministro se as medidas econômicas, tomadas com o recente pacote, foram impostas pelo FMI, como publicou a revista americana *Executive Intelligence Review*. Monteiro estranhou que embora o povo brasileiro de nada seja informado, jornalistas americanos e o seu governo, juntamente com o FMI, discutem livremente a crise brasileira.

TOMATES

Até este momento o debate se desenvolvia equilibrado. Da tribuna, o deputado Eduardo Suplicy (PT-SP) tentou exemplificar o "absurdo da accidentalidade", utilizando um caminhão pequeno e de plástico, carregado de tomates. Tal caminhão foi derrubado na tribuna por Suplicy espalhando tomates no plenário. O deputado tentava mostrar que se o caminhão estivesse levando tomates para uma cidade o produto seria aumentado em função do acidente e acarretaria o aumento de preços e a perda do poder aquisitivo dos que compram tomates.

Delfim agradeceu a exemplificação e afirmou que Suplicy estava provando a necessidade das medidas aprovadas, uma vez que considerada a diminuição temporária e acidental da quantidade de determinado produto no mercado, o expurgo deve ser realizado.

INCOMPETÊNCIA

Mas o debate somente se aqueceu no momento da interpelação do deputado Hebert Levy que levou o ministro a expor-se mais no centro do ringue. "V. Exa. põe em evidência, — atacou Levy — quando fala sobre o balanço de pagamentos, a inabilidade e a incompetência".

De acordo com o parlamentar, o Brasil perdeu, a partir de 1975, US\$ 26 bilhões e 364 milhões, com a importação de petróleo.

Lembrou, também, declaração do ministro, no qual dizia que as contas de 1982 estavam totalmente cobertas. Mas no dia 8 de dezembro de 1982, relatou o deputado, assisti em Nova Iorque a um relâmpago em céu limpo, pois estourou a compensação do Banco do Brasil. Onde estava o saldo de quatro bilhões?", Indagou. "Foi um estouro sem aviso prévio", o país foi reduzido a quase uma República de bananas", completou.